

Adversários de Aureliano são do PFL

FLAMARION MOSSRI

BRASÍLIA — Amigos do ex-ministro das Minas e Energia Aureliano Chaves já fizeram a constatação: os adversários da sua candidatura à Presidência da República não estão no PMDB, PSDB, PDT, PT ou PDS. Estão a seu redor, no próprio PFL que Aureliano ajudou a organizar, de modo decisivo. No seu partido e no governo do qual participou ativamente.

O ex-ministro sabe que muitos dos seus companheiros da dissidência do PDS, responsáveis pela vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, em



15 de janeiro de 1985, estão hoje mais próximos de presidenciáveis de outros partidos do que dele mesmo. "Não vou forçar a minha candidatura, muito menos forçar que o partido me apoie e me lance à sucessão presidencial. Não sou e nem serei candidato de mim mesmo", disse o ex-ministro, numa conversa informal no seu apartamento em Belo Horizonte.

Aureliano Chaves não escondeu ter deixado o governo magoado com velhos companheiros da UDN, da Arena, da dissidência do PDS que resultou no PFL. Para ele, amigos das áreas militar, econômica e política não corresponderam à mesma consideração que lhes dedicava. Mas não relutou em afirmar que saiu do governo "com a consciência tranqüila do dever cumprido, atuando, sempre, voltado para o interesse público". Ontem, Aureliano recebeu

a visita do chefe da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto, que lhe entregou uma carta do presidente Sarney.

CONVIDADO

Na quarta-feira Aureliano foi convidado pelo presidente do PFL do Paraná, deputado federal Alceny Guerra, um dos parlamentares mais ligados ao senador Marco Maciel, a participar, como convidado de honra, da convecção regional de Maringá (PR), reunindo os diretórios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Por trás do convite há a intenção de promover o lançamento da candidatura Aureliano a presidente da República, nas eleições do próximo ano.

O encontro está marcado para 6 de janeiro. Poderá ser realizado e a candidatura lançada. Difícil será o presidenciável

do PFL comparecer. "Só participarei de encontros políticos quando puder usar sapato no pé direito", explicou o ex-ministro. Ele está andando sem sentir dores, mas ainda não foi autorizado pelo médico a usar sapato no pé direito, do qual perdeu parte do dedo mínimo, devido a um calo inflamado, agravado pela alta taxa de açúcar no sangue.

Um político ligado a Aureliano admitiu a possibilidade de o encontro de Maringá ser o início da consulta ao partido para a escolha do candidato à sucessão presidencial. Se a presença do ex-ministro das Minas e Energia é considerada indispensável, o melhor seria, portanto, adiar a reunião por 20 dias, pelo menos.

DIVISÕES

O ex-ministro nunca disse que não quer ser candidato a

presidente. Tem dito, reiteradas vezes, que aceita ser o candidato de todo o PFL. As divisões internas representam uma barreira intransponível à sua decisão de concorrer. De um lado, o próprio presidente do partido senador Marco Maciel, lidera o chamado "grupo independente", que vem pregando o afastamento do partido do governo. De outro, há os "duros", comandados pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, dispostos a dominar o partido, ou até mesmo extinguí-lo, ficando livres na sucessão presidencial. Há, também, fiéis seguidores de Aureliano, convencidos de que ele é a melhor opção do partido para disputar a Presidência.

A aproximação dos "independentes" de Marco Maciel com Sílvio Santos é considerada "ridícula" pelos aurelianistas. O próprio ex-ministro não

conseguiu fugir do sarcasmo. "Se ele spensam usar o Sílvio Santos e sua rede de TV em benefício do partido, estão cometendo grande erro. Ele é muito inteligente. Não vai cair nessa. Pode acontecer o contrário", disse Aureliano, sorrindo.

Sobre sua candidatura, ele apenas reiterou a posição que já é do conhecimento do partido: há tempo: só disputará se houver unidade do PFL e realização de prévias nas bases partidárias, em todo o País. "Será que os nossos militantes, vereadores, dirigentes municipais, deputados e dirigentes regionais, as bancadas e dirigentes nacionais, os ministros, querem que o PFL tenha candidato próprio a presidente da República? Em caso afirmativo, meu nome é o preferido?", indagou o ex-ministro. Para ele, a resposta a essas perguntas determinarão sua decisão.